

A ARMA DE CAVALARIA



I - INTRODUÇÃO

Desde as suas origens a Cavalaria tem passado por inúmeras modificações, adaptando-se aos avanços tecnológicos da humanidade e às modificações da Arte da Guerra. Esta influência da tecnologia sobre a Arma pode ser avaliada pela gama de meios de combate utilizados desde a antiguidade: plataformas, carros de guerra, elefantes, cavalos, carros de combate e, em alguns exércitos, helicópteros. Estes meios condicionaram a sua doutrina de emprego e as suas possibilidades operacionais e limitações.

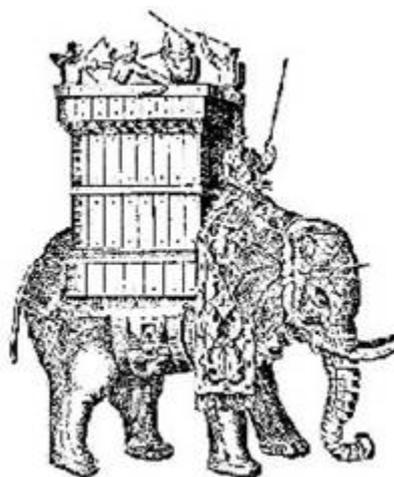
Em determinados períodos da história, o combate adquiriu características especiais, influenciado por novas descobertas ou sofisticações tecnológicas, que deram aos exércitos vantagens táticas ou estratégicas, modificando as formas de combater. Os cavalarianos, atentos a estas modificações, conduziram a Arma ao longo dos séculos, evoluindo e aprimorando suas táticas de combate e sua doutrina de emprego, adaptando seu equipamento e meios de transporte às evoluções que surgiam. Aqueles que não souberam acompanhar a evolução da arte da guerra, não acreditaram nas mudanças que ocorriam nos campos de batalha ou se apegaram demasiadamente às tradições e seus paradigmas, foram inexoravelmente destruídos ou viram suas unidades serem extintas ou absorvidas por outras Armas, por serem consideradas inúteis e antiquadas ante o aparecimento de novos meios e formas de combate. A Cavalaria é a "Arma da Tradição" e a tradição na Cavalaria significa a "constante evolução doutrinária".

Esta seção aborda, sucintamente, a história da Cavalaria e a evolução da Arma de Cavalaria no Brasil. Estas considerações foram inseridas por serem consideradas de fundamental importância para a compreensão do "espírito de corpo da Arma" e para o "correto entendimento do papel da Cavalaria no combate", desde os seus primórdios à sua atualidade.

II - ORIGEM DA PALAVRA CAVALARIA

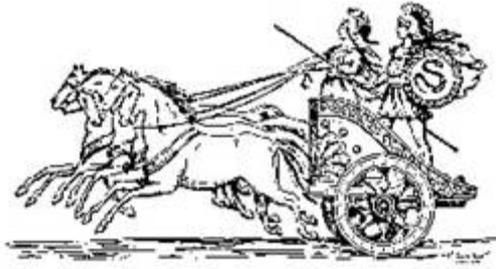
Desde os tempos mais remotos o homem persegue a idéia de combater “em vantagem de posição”. Isto é, de uma forma que lhe garanta mais facilidade para se bater com seu oponente.

Esta vantagem de posição era obtida antigamente subindo-se em uma plataforma empurrada por outros soldados e mais tarde nos carros de guerra, elefantes, camelos ou cavalos. O idioma sânscrito, raiz de tantos outros, designava a milênios esta forma de combater em vantagem de posição como AKVA. Esta palavra designou também, em determinado período histórico, as plataformas do combate em vantagem de posição e uma lança longa utilizada pelos guerreiros que combatiam sobre as plataformas, carros de guerra e a cavalo.



As plataformas deram lugar aos carros de guerra puxados por asnos selvagens e depois por cavalos domesticados. Empregou-se também para combater em vantagem de posição os elefantes e camelos e, quando o cavalo foi domado, passou a ser utilizado neste modo especial de combater. Ao final do século I DC, os carros de guerra praticamente haviam desaparecido dos campos de batalha, sendo superados pelas unidades de guerreiros montados a cavalo, que passaram a ocupar o seu lugar como força de choque em quase todos os exércitos, em função de sua maior capacidade de deslocamento a grandes distâncias e por terrenos variados.

Os romanos e demais povos da antigüidade utilizaram o cavalo inteiro nas suas forças montadas. Em algum momento da história, a Cavalaria de Roma passou a empregar o cavalo castrado, por ser mais facilmente conduzido no combate, mantendo o cavalo inteiro para outras atividades, principalmente para o esporte.



Ao cavalo de combate os romanos chamaram de caballus, corruptela do original sânscrito AKVA, devido a forma de combater na qual seria empregado. Para o cavalo inteiro, animal de trabalho doméstico e esporte, mantiveram o nome original em latim, equus.

A ação caldeadora do tempo, entretanto, acabou distorcendo a função etimológica inicial daquelas duas palavras. Assim, no combate, para se obter aquela vantagem de posição, se utilizava preferencialmente o animal macho, mais forte, e caballus ficou sendo a designação genérica alusiva a todo animal macho, castrado ou não, e equus a palavra para designar o animal fêmea.

Essa distorção foi herdada por todos os idiomas latinos. Alguns idiomas, como os saxônicos, mantiveram-se fiéis aos conceitos primitivos. Por isso, não fazem confusão entre a forma de combater em vantagem de posição (em inglês, por exemplo, denomina-se cavalry) e o animal nela utilizado (em inglês, horse).

Cavalaria, pois, como é entendido em terminologia militar, designa uma forma de combate, e essa forma utilizou no passado o cavalo, o elefante, os carros de guerra, as plataformas empurradas por soldados e, atualmente, os carros de combate, as viaturas blindadas, viaturas leves e os helicópteros.

Cavalaria sempre significou uma forma de combater, AKVA. O animal, que por milênios foi empregado por ela para combater em vantagem de posição, acabou herdando-lhe o nome, caballus.

III - EVOLUÇÃO DA CAVALARIA

É provável que o guerreiro montado tenha surgido por volta do século X AC, como resposta à conveniência de se obter uma posição dominante sobre o adversário, na luta corpo a corpo. A vantagem da posição garantia nos primórdios dos tempos, uma maior facilidade para derrotar o oponente.

Essa categoria especial de guerreiros adquiriu ao longo dos séculos, a par da vantagem da dominância, extraordinária mobilidade e potência de choque. Utilizando inicialmente plataformas empurradas por guerreiros a pé e mais tarde carros de guerra, elefantes, camelos, cavalos, engenhos blindados e aéreos, esses guerreiros especializados vêm se constituindo, por mais de três mil anos, em parte indispensável dos exércitos.

A história da Cavalaria constitui-se numa longa série de adaptações às mutáveis condições da guerra. Essa evolução de meios e de formas de emprego utilizados pela Cavalaria, representa o grande esforço despendido para a manutenção de sua mobilidade, poder de choque e flexibilidade, permitindo o seu emprego em uma grande variedade de missões.

Desde os tempos mais remotos, os exércitos organizaram suas forças a cavalo em unidades leves e pesadas, buscando uma maior flexibilidade para o cumprimento das missões inerentes à Cavalaria. As unidades leves eram empregadas na busca de informações sobre o inimigo, na perseguição do inimigo batido ou para cobrir a retirada do grosso do exército no caso de um insucesso. As unidades pesadas eram colocadas nas alas da força de infantaria, com a finalidade de atuarem sobre os flancos e retaguarda do inimigo ou contra a sua Cavalaria. Na GRÉCIA antiga, os cavaleiros das unidades pesadas eram denominados catafratas e os das unidades leves sarissóforos. Esta organização da Cavalaria, com unidades leves e pesadas, atravessou os séculos e perdura até os dias atuais.

Nos séculos IV e III AC, ALEXANDRE empregou largamente as plataformas, os carros de guerra, elefantes e formações a cavalo como instrumentos de combate capazes de dar-lhe a vantagem da dominância, da potência de choque e da velocidade, empregando-os para romper as formações do inimigo, fustigar seus flancos e retaguarda ou levantar com maior presteza o dispositivo adversário, ainda que de maneira empírica.



Foi por ocasião das Guerras Púnicas (264-201 AC) que a Cavalaria surgiu efetivamente como Arma. Nessa campanha, os cavaleiros númidas, a serviço de Cartago, ofereceram exemplos notórios do emprego judicioso desse tipo especial de combatente. O mais brilhante destes feitos ocorreu na batalha de Canes (216 AC). ANÍBAL, a despeito de sua flagrante inferioridade numérica, soube aproveitar as características de sua Cavalaria, para envolver e aniquilar as forças romanas, logrando estrondosa vitória.



Ainda nesse período histórico, salientaram-se alguns grandes guerreiros asiáticos, como GENGIS-KHAN e ÁTILA, por suas expedições na Europa, conduzindo imensas hordas de cavaleiros, sem contudo sistematizar o emprego dessas forças montadas. Por volta do ano 200 AC, cavaleiros asiáticos revolucionaram a arte da guerra introduzindo o estribo no arreamento de seus animais. Este invento permitiu ao cavaleiro um maior equilíbrio e estabilidade na sela, possibilitando o emprego do arco com maior precisão, da espada e da lança com maior letalidade.



Na Idade Média a arte militar definiu. Embora a história registre algumas campanhas de vulto, como as Cruzadas e a Guerra dos Cem Anos, a batalha perdeu suas características de entrosamento de massas organizadas. As manobras, os esquemas táticos e o exercício da liderança, não prevaleceram no grande número de duelos em que se converteu o campo de batalha, nos quais, os requisitos fundamentais eram a bravura e a destreza. A Cavalaria tornou-se pesada e couraçada, perdendo velocidade e flexibilidade, características que lhe eram peculiares. Foi todavia, uma era de absoluta predominância do cavaleiro na guerra.



Com o surgimento das armas de fogo, a Cavalaria teve de evoluir para uma força mais móvel que a massa dos exércitos e dotada de uma potência relativa e proporcional à da massa em cujo proveito agia. Essa evolução não se fez sem traumas e sem exageros, que levaram a Cavalaria a apejar e a combater a pé, valorizando excessivamente a importância do fogo nos campos de batalha da época, representando o abandono da mobilidade da Arma e do seu espírito ofensivo.

No final do século XV surgiram as primeiras unidades de Cavalaria equipadas com armas de fogo. No século seguinte a Arma passou a ser organizada basicamente com três tipos de unidades: de couraceiros (a cavalaria pesada), de hussardos (de lanceiros, caçadores, carabineiros ou ulanos, a cavalaria ligeira) e de dragões (cavalaria pesada, apta a combater a pé e a cavalo).

O espírito da Arma seria revivido na Guerra dos Trinta Anos (1618 - 1648). O General francês Príncipe CONDÉ, diante de uma situação desesperada, na batalha de Rocroi (1643), lançou seus esquadrões sobre as alas e a retaguarda do dispositivo inimigo, destruindo o esquadrão da infantaria espanhola. Nesta mesma guerra, GUSTAVO ADOLFO, rei da SUÉCIA, emprega sua Cavalaria em missões de reconhecimento, ação de choque e na perseguição, obtendo êxitos significativos, como na Batalha de Breitenfeld (Leipzig).

Estas inovações, entretanto, não foram absorvidas por todos os exércitos da época, que continuaram a empregar suas Cavalarias com armas de fogo, numa ação denominada de “caracol”, que consistia em carregar sobre o inimigo, disparar as armas de fogo a determinada distância, voltar rapidamente à retaguarda para carregá-las com vistas a desenvolver novamente a mesma ação.

No século XVIII, a saturação do fogo no campo de batalha tornara cada vez mais penoso o combate frontal, fazendo, com isso, crescer a importância da manobra de ala, na busca dos flancos e da retaguarda do inimigo. A Cavalaria do exército de FREDERICO II “o Grande”, rei da PRÚSSIA, passou a constituir-se em modelo para muitos exércitos europeus, principalmente após a Guerra dos Sete Anos, onde liderada pelos generais von SEYDLITZ e von ZIETEN alcançou expressivas vitórias. Essa nova concepção da guerra, da qual Napoleão foi mestre insuperável, favoreceu grandemente o emprego da Cavalaria.

Napoleão constituiu grandes massas de Cavalaria e empregou-as em missões de reconhecimento e segurança, de forma a conhecer as intenções do inimigo e, assim, prover-se da indispensável liberdade para tomar sua própria decisão. Durante a batalha fixava o adversário para, a seguir, envolvê-lo e desorganizá-lo, obrigando-o a empregar suas reservas. Ao primeiro sinal de perda da capacidade de reação do inimigo, dirigia o esforço decisivo para o ponto de ruptura e culminava a batalha com tenaz perseguição, aproveitando o êxito. Assim foi em Marengo, Austerlitz, Jena, Wagram, Eylau e em tantos outros combates, onde a Cavalaria francesa dos generais Príncipe MURAT e Conde LASALLE cobriu-se de glórias.



Coube a NAPOLEÃO definir o emprego clássico da Cavalaria e atribuir-lhe as missões que caracterizaram, até os dias atuais, a sua atuação:

- (a) criar uma rede de segurança em torno do exército;
- (b) cobrir a marcha dos exércitos;

- (c) desvendar, desde o mais longe possível, os movimentos do inimigo e dificultá-los;
- (d) atuar sobre a retaguarda do inimigo, seus comboios e linhas de comunicação;
- (e) realizar incursões profundas sobre objetivos bem definidos;
- (f) conter a Cavalaria inimiga;
- (g) intervir na batalha; e
- (h) perseguir e completar a destruição do inimigo batido, impedindo a sua reorganização.

Passado o período áureo da era napoleônica, nova crise se apresentou com o surgimento das armas raiadas e do canhão de retrocarga. Essas inovações, aumentando a rapidez e precisão do tiro, iriam induzir, na Cavalaria, exagerada preocupação com a segurança.

No início da Guerra Franco – Prussiana (1870 – 1871), a Cavalaria foi empregada muito próxima da infantaria, ou mesmo a reboque desta, perdendo muito da sua capacidade ofensiva e da mobilidade que lhe era característica. Essa letargia vai ser sacudida, no final da campanha, pela Cavalaria alemã em Metz.. A força alemã, desgastada e frente a tropas francesas mais numerosas e vantajosamente dispostas, encontrava-se em vias de ser derrotada. O comandante alemão decidiu, então, empregar sua Brigada de Cavalaria, perfeitamente coberta das vistas do inimigo, realizando um movimento desbordante, para cair de surpresa sobre a infantaria e artilharia francesas, aniquilando-as com fulminante carga.

Durante o período 1871 – 1914, os exércitos preocuparam-se em explorar as possibilidades que se abriam com os novos armamentos. Alguns cavalarianos, embalados pelas glórias do passado, novamente relutavam em admitir a necessidade de introduzir modificações substanciais no emprego da Arma montada. Assim é que, imbuída do espírito do século anterior, a Cavalaria chega à 1ª Guerra Mundial, ansiosa por reeditar suas gloriosas cargas.

Outro porém era o campo de batalha, dominado pelo matraquear das metralhadoras e a explosão das granadas. A infantaria, menos vulnerável às armas de tiro tenso que a Cavalaria, viu-se forçada a enterrar-se nas trincheiras, que se estendiam dos Voges até o Mar do Norte. Os exércitos oponentes mantinham-se estáticos, tendo a separá-los uma faixa de terreno constantemente batida por fogos. Neste cenário, pouco havia para fazer com uma Arma de vocação ofensiva e manobreira. A maior parte da Cavalaria passou a combater a pé, cavando trincheiras, lançando granadas e batendo-se à baioneta. As unidades passaram a receber equipamento mais pesado e incorporaram frações de petrechos e de sapadores.

Ainda durante a 1ª Guerra Mundial surgiu um novo engenho que, progressivamente, iria revolucionar a arte da guerra – o carro de combate. Este novo meio de combate viria, mais tarde, devolver à Cavalaria sua mobilidade e potência de choque.



No período entre os dois grandes conflitos mundiais, os cavalarianos de todo o mundo vacilaram entre preservar a Cavalaria dotada de seu meio tradicional de transporte, o cavalo, ou adotar a mecanização total de suas unidades. Os grandes estudiosos da guerra, porém, de pronto vislumbraram nos carros de combate, os herdeiros e continuadores naturais, da gloriosa Cavalaria hipomóvel. Esta indecisão, provocada pelo apego às tradições e aos dogmas do passado, ou mesmo por conservadorismo exagerado e medo do progresso e da evolução, fez com que em alguns países, os cavalarianos, priorizando os meios às missões tradicionais, esquecessem a história da Arma e a necessidade de sua contínua evolução. Em determinados exércitos, em face à intransigência dos cavalarianos em substituírem o cavalo pelo carro de combate, a Arma de Cavalaria foi extinta, sendo criada uma outra Arma, dotada de modernos meios blindados, para cumprir, entretanto, as mesmas antigas e tradicionais missões da Cavalaria.



Durante a 2ª Guerra Mundial, registraram-se, ainda, o emprego de massas de Cavalaria a cavalo na POLÔNIA e na RÚSSIA. Entretanto, o aperfeiçoamento do carro de combate e das viaturas blindadas fez com que eles passassem a predominar na maior parte dos teatros de operações, impondo-se como principal meio de combate dos exércitos e da Cavalaria. Neste conflito destacaram como grandes condutores de forças blindadas os generais alemães GUDERIAN, ROMMEL, MANSTEIN e von THOMA, o norte – americano PATTON, o britânico MONTGOMERY e o russo ZHUKOV, além

de outros tantos que delinearam os fundamentos e a forma de emprego das modernas formações blindadas.



Mais uma vez adaptando-se aos novos tempos e à evolução do material e da doutrina, a Cavalaria substituiu o cavalo pelos carros de combate, retornando, assim, às suas antigas plataformas, agora blindadas e motorizadas, restaurando o seu poder de choque, aumentando a potência de fogo e a mobilidade no campo de batalha.

O carro de combate assumiu a grande maioria das missões que eram executadas no passado pela Cavalaria pesada. Estes modernos “couraceiros” passaram a sintetizar o poder de choque e a capacidade de destruição de forças inimigas nos exércitos modernos. As unidades equipadas com viaturas blindadas mais leves, assumiram o papel dos antigos “lanceiros, ulanos e hussardos”, cumprindo missões de reconhecimento e segurança para seus exércitos. Os atuais fuzileiros blindados da moderna Cavalaria podem ser comparados aos antigos “dragões”, combatentes adestrados para o combate a pé ou montado (embarcado).